



Zé Oliboni

ONE PLUS ONE IS ONE

Inspirado pelo álbum homônimo de **BADLY DRAWN BOY**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

ONE PLUS ONE IS ONE
ZÉ OLIBONI
uma história inspirada por
ONE PLUS ONE IS ONE
BADLY DRAWN BOY

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY ZÉ OLIBONI
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

ONE PLUS ONE IS ONE

ZÉ OLIBONI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



ONE PLUS ONE IS ONE

BADLY DRAWN BOY

SELO: **ASTRALWERKS**
LANÇAMENTO: **2004**

PLAYLIST ORIGINAL

1. One Plus One Is One
2. Easy Love
3. Summertime In Wintertime
4. This Is That New Song
5. Another Devil Dies
6. The Blossoms
7. Year Of The Rat
8. Four Leaf Clover
9. Fewer Words
10. Logic Of A Friend
11. Stockport
12. Life Turned Upside Down
13. Take The Glory
14. Holy Grail
15. Don't Ask Me I'm Only
The President
16. Plan B



ONE PLUS ONE IS ONE
ZÉ OLIBONI

Clara nasceu em um dia qualquer. Não lembro se chovia, se fazia muito calor ou qualquer coisa desse tipo. Na verdade, não me recordo de nada desse dia. Como poderia? Ao contrário do que se espera de uma situação normal, em que o pai babão e todo atrapalhado pega sua câmera de vídeo e demais parafernália e corre para o hospital, às vezes esquecendo até a esposa grávida, eu não estava lá. Como poderia? Se mesmo hoje não sei ao certo o que eu fazia naquele instante, naquela época em que eu nem sabia sobre Clara, sobre ser pai, sobre tudo mais, como poderia me importar com coisa alguma?

Eu estava na minha casa... bem, na casa dos meus pais, sem fazer nada, como sempre, quando a campainha tocou. De bate e pronto não reconheci Joana, até porque ela me parecia uma figura meio fácil de lembrar. Muito bem vestida, blusa, saia, bolsa e sapato alto de marcas famosas. Se tivesse um chapéu e luvas seria uma daquelas personagens de filmes antigos. Só que no lugar no chapéu e longa cigarreira havia um bebê. Sim, uma pequena criança toda enrolada em uma manta. Ela agarrava o bebê firmemente, como se aquilo a mantivesse em pé.

Era uma situação bem desconcertante, nada daquilo combinava com a rua de classe média baixa em que eu morava e aquela criança definitivamente não combinava com a mulher, mas ela mantinha o bebê fortemente agarrado como se ele pudesse escapar ou algo assim.

Ela olhou pra mim, olhou pra casa, olhou pra rua, olhou pra mim de novo e

balançou a cabeça.

– Vamos, precisamos conversar, mas acho que é melhor em outro lugar.
– ela disse já caminhando para o carro.

Obviamente não havia razão para eu ser sequestrado por alguém como ela e, apesar da memória não ajudar, eu sabia que conhecia aquele jeito mandão de algum lugar. Então entrei no carro com ela e o bebê e fomos até uma cafeteria aparentemente frequentada só por pais de crianças pequenas. Nem sabia que existia um lugar desses, mas em São Paulo pode se esperar qualquer coisa. Não que eles proibam você de entrar caso não tenha uma criança ou algo assim. Mas se você estiver lendo o seu jornal e uma ou várias delas estiverem correndo por todos os lados, pedindo as coisas, reclamando, fazendo barulho, sujeira e essas coisas normais, você não pode nem pensar em olhar com uma cara feia.

Enfim, quando chegamos lá, Joana perguntou se eu me lembrava dela e eu tentei disfarçar, tentei engasgar, mas no final tive que admitir que não, não me lembrava exatamente quem ela era, mas sabia que a conhecia de algum lugar. Então ela me perguntou se eu me lembrava do curso de motorista e, bem, tudo ficou claro. Até demais.

Mais ou menos um ano atrás, eu estava com dezenove anos, sem emprego, não estava fazendo uma faculdade. Enfim, estava “perdido na vida”, como diriam meus pais. Não é que eu não quisesse fazer uma faculdade, eu até gostaria. O problema é que eu não sabia o que eu queria fazer para o resto da minha vida e essa é uma decisão bem séria para se tomar. Não é algo que você pode escolher tão facilmente só porque é bom em fazer contas, ou porque gosta de animais.

8 Eu não sabia o que queria fazer e meus pais não aceitavam isso. Então meu pai

insistiu que eu pelo menos tivesse uma carteira de motorista, porque na cabeça dele isso me ajudaria a conseguir algum tipo de emprego.

E para conseguir a tal carteira, um dos pré-requisitos é passar uma semana assistindo a umas aulas bem sem graça sobre placas, primeiros socorros e outras coisas. Foi nessa semana que eu conheci Joana. Ela era uns dez ou quinze anos mais velha que eu e tinha perdido a carteira por ter sido pega bebendo e dirigindo. Isso mesmo, ela não estava só bêbada quando o policial a parou, ela tinha meia garrafa de uísque no meio das pernas e tomava sempre que parava nos semáforos.

Enfim, ela teve de tirar novamente a carta, e estava sem cigarros na primeira noite e eu tinha um maço cheio. Ficamos amigos, começamos a conversar, uma coisa leva a outra e naquela semana tivemos um lance. E, pelo andar da conversa essa é a parte da história em que ela diz que uma coisa leva a outra e tivemos um bebê.

E, quando meus olhos abriram como se fossem saltar do meu crânio, minha boca encolheu a ponto de eu não poder falar nada e minha minhas pernas amoleceram o suficiente para eu não poder fugir, ela disparou:

— Então, pelo visto você se lembrou, de mim, do curso, e, bem... essa é Clara, nossa filha.

Eu não sabia o que dizer. Não sabia o que pensar, não sabia o que uma mulher como essa poderia querer de um cara como eu.

Eu descobri com tempo que Joana era uma mulher muito especial, mas no começo ela me pareceu muito estranha. Ela tinha um conceito deturpado de confiança segundo o qual apenas parentes, verdadeiramente ligados por sangue, eram confiáveis. Assim, ela não aceitava que nenhuma babá cuidasse de Clara, mas precisava voltar ao trabalho. Como não tinha nenhum parente disponível, apelou para os de Clara, no caso, eu, o pai.

– Deixa eu entender. Você quer que eu fique na sua casa o dia todo.

– E as noites também, ela pode sentir a sua falta, a conexão é muito importante para a criança nessa idade...

– Certo, enfim. Você quer que eu mude para a sua casa para ser babá, é isso?

– Em termos gerais, sim. Mas se você quiser pensar de forma mais afetiva, você estaria sendo como um pai para ela!

– Mas eu sou o pai dela! – nesse momento eu esqueci que estava em público e me exaltei um pouco.

– Por favor, não grite – ela disse toda envergonhada – Sim, você é o pai biológico, você é muito novo para ter uma filha, não precisa dessa responsabilidade. Só estou pedindo esse favor. Posso te pagar por isso. Você está empregado? Eu pago o valor do seu salário, pago mais.

– Joana... o que eu vou dizer aos meus pais? Eles vão ficar loucos quando souberem que eu tenho uma filha e eu vou ser babá.

– Não conte, oras. Diga que é um emprego, que paga bem. Não precisa dizer que Clara é sua filha.

– Eles vão ficar malucos, mas, mas... eu preciso sair de lá... você acha mesmo

que isso vai dar certo?

— Vai sim, Pedro. Ela é sua filha. Eu posso confiar em você. Você vai cuidar bem dela e eu cuido de você.

“Putz, isso não vai dar certo. “

Meus pais são engraçados. São o verdadeiro tipo trabalhador. Que você tem de respeitar e tudo mais, mas não dá para conversar com eles. Simplesmente não tem assunto. Não venha me dizer que é uma questão de diferença de gerações porque não é só isso. Eu já conversei com várias pessoas bem legais da idade deles. São eles, as referências deles e as minhas simplesmente não batem, a gente não tem o quê falar. Por isso para mim é tão difícil ficar em casa. Eu gosto deles, mas não tenho a menor paciência.

Quando Joana apareceu na minha porta com essa oportunidade maluca, sei lá, pareceu uma forma de juntar minhas coisas e fugir para outro lugar. Não via a hora de fazer isso. É claro que eu estava apavorado com a idéia de ter de cuidar de uma criança. Nunca fiz isso. Mas esperava que o tal instinto paterno me ajudasse em alguma coisa, afinal, eu sou o pai de Clara, de uma forma ou outra.

Sabe, antes de sair de casa não eram as partes nojentas de cuidar de um bebê que mais me preocupavam. A maioria dos caras se preocupa com isso, mas pra mim tudo bem. Meu pai era encanador e quando ele queria me pôr

de castigo, me levava para trabalhar com ele e... bem, garanto que nada é mais nojento do que aquilo. O que me preocupava era o fato de ter de ficar atento o dia todo e que um pequeno erro, qualquer cochilada que eu desse, o bebê poderia fazer algo perigoso, se machucar ou sei lá o quê. Eles são tão pequenos e frágeis.

Mas logo eu aprendi que não era bem assim e realmente era mais fácil do que parecia. Principalmente quando você fica em uma casa toda equipada com direito a empregada, cozinheira e tudo mais.

O fato é que Joana era rica. Muito cedo ela tinha assumido as empresas do pai, algo relacionado à venda de motores e soube fazer os negócios prosperarem muito. O que eu vim a descobrir mais tarde é que os pais dela e toda a família estavam em um jato particular e iam passar o fim de semana em alguma ilha. Ela foi a única que não viajou porque precisava terminar uns contratos. O resto você imagina. O avião caiu, só ela sobrou e sem a família, as únicas pessoas que ela confiava. Ela entrou numa onda de cigarros e bebidas que a levou até mim, até Clara.

Quando ela descobriu que tinha engravidado tudo mudou na vida dela. Ela se “reconnectou”, encontrou seu caminho de volta. Tirou a poeira do seu mundo, parou de beber e todos tiveram que admitir que ela continuava uma grande empresária e os negócios nunca foram melhores.

Eu fui descobrindo isso aos pouco enquanto morava com ela. Na verdade aprendi muitas, coisas com Clara e Joana. Mesmo cuidando do bebê eu tinha muito tempo livre pra ver filmes, ouvir músicas e ler livros. Melhor do que isso, à noite, quando Joana voltava, eu podia conversar com ela sobre coisas

interessantes. É óbvio que ela queria saber tudo que Clara fez durante o dia, mas passado esse momento, podíamos falar de qualquer coisa e ela era realmente uma pessoa interessante.

Durante quatro anos essa foi minha vida. Eu cuidava de Clara, brincava com ela, colocava ela para dormir, estava sempre ali para a minha menina. Fui mais presente do que a maioria das mães sonharam ser. Nesse meio tempo descobri tantas coisas sobre o mundo e sobre mim mesmo e tomei uma decisão.

— Medicina? Tem certeza? É muito caro, não? – Joana reagiu meio sem graça logo que eu disse o meu plano.

— Pensei que dinheiro não seria problema...

— É, na verdade, pensando bem não é. Mas acho que é sempre a primeira coisa que a gente fala numa situação dessas, não?

— Se você fosse minha mãe, sim.

Ela olhou para mim séria, virou para o lado, olhou de novo e não conseguiu, começou a rir:

— E a Clara?

— Está na hora dela ir para escola de qualquer forma. Podemos escolher uma escola perto da faculdade e eu a levo comigo. Andei estudando bastante, acho que tenho condições de passar em uma faculdade particular.

— Bem, se você tem um sonho, quem sou eu para impedi-lo? Vai lá, eu te ajudo no que precisar. No mais, serão pelo menos mais seis anos com você

aqui cuidando da Clara e nós dois sabemos o quanto ela gosta de você, não é, Clarinha? — ela terminou a frase olhando para pequenina que sorria olhando para nós dois.

Sabe aquilo que falam sobre as crianças crescerem depressa? A maioria dos adultos que repete isso de forma saudosista sofre de um descompasso de tempo em relação à criança. Em geral os pais já “cresceram” tudo o que precisavam quando têm um filho, então, o tempo passa para quem cresce de forma diferente do que para quem está crescendo. Percebi isso com Clara e Joana.

Na verdade, apesar de ser pai de Clara, ser mais velho que ela, em um certo sentido, eu estava crescendo junto com ela. Joana já tinha passado por isso e apenas nos acompanhava; então, para ela, os anos seguintes foram muito diferentes.

Como qualquer criança, tenho memórias esparsas do meu crescimento com Clara, daqueles anos na faculdade, na residência médica logo em seguida. Lembro de muitas coisas legais, momentos maravilhosos, músicas divertidas, filmes que assistimos todos juntos. Lembro de vários pequenos bons momentos, uma ou outra decepção ou problema. Mas no geral, foram anos ótimos.

O único problema nessa história era o formato do nosso arranjo familiar. No começo eu era praticamente a babá de Clara. Quando ela cresceu e passou a entender um pouco mais as coisas, Joana quis que eu me mudasse de quarto para que Clara tivesse a “ilusão” de uma família normal. É claro que ela se

esqueceu que o normal hoje não é o pai e a mãe casadinhos bonitinhos, mas, tudo bem.

A questão no fundo é que, não importava onde eu dormia, mas que nós estávamos em pontos diferentes de nossas vidas. Eu sabia disso, Joana sabia disso e bem, desconfio que até Clara soubesse, porque era muito óbvio que não éramos um casal. Dormíamos na mesma cama e eu até acompanhava-a em alguns eventos sociais (depois de entrar na faculdade de medicina ela passou a me achar “exibível” para o círculo social dela, e... bem, como ela pagava as contas e essas ocasiões eram tão raras, acabava entrando na dança, algumas vezes literalmente).

No meio disso surgia toda uma questão do relacionamento sexual. Nenhum de nós tinha outras pessoas, nunca houve essa necessidade, talvez. Em todos esses anos acabamos algumas vezes fazendo sexo, principalmente depois que passamos a dormir juntos, mas sempre foi algo estranho. Nós éramos mais amigos do que outra coisa e tudo ficava muito estranho depois. De alguma forma parecia errado, como se estivéssemos traindo alguém.

Enfim, o fato é que esses anos não passaram rápido pra mim e para Clara. Eles foram o tempo ideal para eu curtir a infância da minha filha, para eu me construir como pessoa, para eu estar pronto para o mundo. E eu estava. Estava com quase trinta anos, um diploma, boas recomendações, boas referências e uma proposta irrecusável para conhecer o mundo.

Durante a residência me inscrevi para um projeto ligado para uma bolsa de estudos que garantiria estágio em três clínicas de muito prestígio, uma nos EUA, uma na Inglaterra e outra Austrália, por dois anos em cada uma delas. E eu

tinha sido selecionado para poder viver a vida que eu passei esse tempo todo me preparando para viver. Só tinha de contar para Joana.

— Viajar agora, para fora do país? — Joana é interessante: mesmo nervosa, você não consegue perceber, deve ser alguma técnica empresarial de negociação ou algo assim.

— É uma oportunidade única.

— Sim, sim... mas...

— Eu sei... e Clara...

— Sim, e a Clara... — Nesse momento ela olhou para o outro lado e eu percebi que cometi um erro fatal, minha fala correta era: “e você e a Clara”, mas não foi o que eu disse.

— Ela vai ficar bem, ela vai entender. Vou escrever sempre para ela, mandar e-mails, fotos, ligar. Para você também. A gente vai se falar toda hora — Estava tentando uma recuperação.

— Sim, dizem que é era da informação, não é? Bem, se é o que você quer...

— Eu sei que é difícil, mas Clara está com quase treze anos e eu perto dos trinta, preciso disso. Depois eu volto, monto uma clínica, sei lá... Fico aqui com você e a Clara pelo resto da vida. Vocês são as mulheres mais importantes do mundo inteiro para mim, eu sei disso. Só quero dar uma volta por aí para quando alguém perguntar como eu sei, eu vou poder dizer que eu fui e confirmei.

Ela riu. Eu não sei como, acho que nem ela sabe, mas eu a faço rir e isso a

deixa louca. Saber que no fim eu consigo dar um jeito de fazê-la rir.

— Joana, eu devo tudo a você e eu não estou falando do dinheiro que eu sei que pra você nunca fez diferença. Mas graças a você eu descobri quem eu sou. Você me ajudou a crescer, me deixou criar a nossa filha do melhor jeito possível, me deixou crescer junto com ela e me tornar alguém que eu nem imaginava que poderia ser.

— Ok, ok. Entendi todo o discurso. Agora eu digo para você abrir suas asas e seguir. Eu sei que você está certo. E eu quero que você siga seus sonhos, vai dar tudo certo. Se você precisar de alguma coisa sempre pode contar comigo. Pode voltar a qualquer hora se não gostar. Eu vou sentir sua falta. Mas vai. — Ela me abraçou, abraçou mais forte — É inevitável eu sentir saudades, é claro que eu vou chorar, no fundo eu sei que você está certo eu estou torcendo por você... então... então...

— Fica quietinha, não falou que vai chorar, então chora. — E a gente ficou abraçados um bom tempo.

Com Clara foi mais fácil. Ela sabia que eu precisava daquilo. Desde que Clara lembrava de algo eu estava lá. Para ela não fazia diferença que eu era um moleque qualquer que transou com a mãe dela quando ela estava bêbada e carente. Não me tornava um pai relapso não saber que eu não era pai até o dia em que Joana apareceu com Clara no colo na porta da minha casa.

A cada passo de Clara depois disso eu estava lá e ela comigo. Ela ouviu todos

os meus sonhos tanto quando eu os delas. Então, quando eu quis ir embora ela não agiu como uma menina normal de treze anos, não gritou, não fez escândalos, não me ameaçou. Ela me abraçou, disse que ia sentir muito a minha falta, chorou um pouco e disse para eu fazer tudo que eu sempre sonhei.

Os anos seguintes desapareceram entre meus dedos. Foi ótimo viver nos Estados Unidos, principalmente depois que meu inglês engrenou e eu passei a entender bem as pessoas. Além do trabalho conheci diversas pessoas que me levaram para vários lugares diferentes de tudo que eu tinha imaginado.

O hospital que eu trabalhava era em Chicago, mas uma enfermeira louca que conheci me levou para passar uma semana em Nova York, no apartamento de uma irmã dela. Em todos os lugares que eu ia, comprava presentes e mandava fotos para Clara e Joana. Não falava tanto com elas quanto prometi, nem tanto quanto gostaria, mas acho que elas entendiam.

Quando meus dois primeiros anos tinham acabado em nem acreditava que estava a tanto tempo longe do Brasil, longe de casa, longe de Clara. Elas queiram que eu voltasse para o final do ano, Natal essas coisas, mas eu tinha de me mudar. Tinha que juntar minhas coisas em Chicago e iniciar minha nova jornada em Londres e eu não via a hora.

Então eu continuei nessa viagem pelo mundo, trabalhando muito, mas também vivendo tudo aquilo que eu lia nos livros, via nos filmes e conversava com Clara.

Foi logo quando eu cheguei na Austrália que tudo mudou. Estava nessa transição de países e fiquei meio incomunicável por umas duas semanas. Quando vi as mensagens de Clara era tarde demais.

Eu queria correr desesperado para o Brasil, nadar, fazer qualquer coisa. O primeiro voo saía em algumas horas; mesmo assim, eu só chegaria no dia seguinte. Seria mais um dia que Clara estaria sem mim. Mais um dia que ela estaria sozinha.

Tentei ligar para casa para todos os números que eu tinha e não a achava em lugar nenhum. Eu corria de um lado para o outro. Não sabia o que fazer, não sabia o que fazer mesmo. Como eu pude ser tão incoseqüente? Como eu viajo para o outro lado do mundo e deixo a Clara?

E eu estava na pior situação que poderia acontecer. Preso em um aeroporto, do outro lado do mundo, tinha acabado de saber por e-mails que Joana tinha morrido e Clara estava sozinha. Meu Deus, ela está sozinha e essa merda desse avião vai demorar até amanhã para chegar no Brasil!

Eu não tinha a quem recorrer, meu país tinham falecido há algum tempo, Joana não tinha nenhum parente e quase nenhum amigo próximo que eu me lembrasse. Eu simplesmente não sabia o que fazer.

Assim que entrei no avião, tomei um calmante forte para não enlouquecer durante o voo. E , chegando no Brasil, eu lembrei que não sabia exatamente para onde ir. Ela não estava em casa já que não atendia ao telefone. Então pensei

em ir até a escola dela, mas ela não estudava mais lá. Tinha ido para outra escola fazer o colegial, e obviamente não sabiam onde.

Fui até a empresa de Joana e por sorte encontrei a secretária dela lá. Ela me explicou que tudo estava correndo bem na empresa que o inventário estava sendo acertado. Porra. Eu não queria saber da merda do dinheiro, eu queria saber de Clara.

— *Right, right*, eu tenho certeza que Joana deixou tudo em boas mãos, depois a gente vê isso. Eu preciso saber onde está Clara — disse segurando a secretária pelos ombros.

— Hum...Ela ficou na casa de uma amiga do colégio, mas eu não lembro o nome.

— *Ok, what's the name of the school?* — eu estava tão nervoso que já não sabia mais onde estava, que língua tinha que falar.

— É aqui perto, o nosso motorista pode te levar lá agora.

Fui até a escola, por sorte meu nome estava listado como pai de Clara, e eles a chamaram. Fazia tanto tempo que eu não a via que nem sabia como seria o nosso encontro.

Ela estava uma menina linda. Quase dezoito anos, se parecia muito com a mãe. Principalmente agora, com aquele olhar meio triste, meio distante, reprovador. Eu não sabia o que dizer.

— Eu demorei muito, desculpe.

Ela só me abraçou e chorou. Voltamos para casa naquele dia e não falamos mais nenhuma palavra.

Joana era muito organizada, tinha deixado a empresa preparada para viver sem ela. Segundo um manual de instruções que eu recebi do advogado dela a empresa poderia ser cuidada por administradores profissionais desde que alguém da família (eu, Clara e quem viesse depois) ficasse de olho periodicamente nos resultados. O dinheiro que ela deixou para Clara era o suficiente para ela estudar na faculdade que quisesse. Além disso, ela tinha comprado um prédio próximo de casa para que eu montasse uma clínica médica.

E foi o que eu fiz. Voltei a ser o pai de Clara e passei a trabalhar na minha clínica. Mas agora tudo era diferente.

Acho que agora eu entendo o ponto de vista dos “adultos”. Eu demorei muito para isso. Finalmente eu posso dizer que tenho um descompasso com Clara. Eu viajei, abri minhas asas, tive minhas experiências, queria ter muito mais, mas, fui dragado pela realidade. Tive que voltar. Ela precisa de mim aqui. Todas as oportunidades que eu poderia querer me foram dadas e eu aproveitei.

Agora é o momento que eu viro adulto, assumo as responsabilidades e por mais que eu quisesse continuar por aí, viajando ou sei lá o quê. Eu fico aqui. Cuidando da Clara e isso é bom. Mais do que isso. Isso é ótimo. Porque ela é minha filha. Minha vida. Hoje eu entendo porque Joana se agarrava tanto nela quando chegou à minha porta tantos anos atrás. Por medo de perder essa pequena preciosidade.

— Então é isso. Você quem vai me deixar agora? — eu disse pra Clara.

– Ah, pai, não venha com essa história.

– Eu sei. Você tem vinte e poucos anos...

– Vinte e nove.

– Ok, ok, vinte e nove, tem uma chance de fazer um estágio no Tate Museum...

– Que eu só consegui graças aos seus contatos, então é culpa sua.

– Não, só conheço um médico inglês que conhece os curadores do museu, o seu currículo fez o resto.

– Então, você entende que é uma oportunidade única para uma artista plástica? Não é?

– Entendo Clara. Você sabe que eu entendo. Assim como você sabe que eu vou sentir saudades de você...

– Vem comigo.

– Não. É sua vez de passear um pouco. Vai aproveitar. Quem sabe sem você para atrapalhar minha vida por aqui eu não descubro uma ou outra coisa divertida no Brasil mesmo.

– Então eu te atrapalho? Eu?

E ela foi embora, e demorou bem mais que eu para voltar. Mas pelo menos quando ela foi a gente estava rindo.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br